



Subalternização e Violência: O Feminino em Cena em Fogo Morto, de José Lins do Rego

Hosanete Farias Porto dos Anjos¹; Rômulo Davi da Silva²

Resumo: Na literatura brasileira, personagens fortes e decididos tendem a tomar o protagonismo de histórias marcadas pelo realismo e uma narrativa densa e envolvente. Esses seres, por vezes, reverberam discursos que fundamentaram a nossa cultura ocidental, naquilo que há de mais primitivo no homem e norteador de seu modo de ser agir, ou seja, as obras literárias são capazes de refletir a nós mesmos e os desejos que guardamos no recôndito de nossas almas. Neste sentido, quando a narrativa descreve e explora o sofrimento da personagem, com a qual no identificamos, o resultado é encontrarmos uma trama capaz de sensibilizar e envolver o leitor. Este é o caso de Marta, uma das sofredoras e mais intrigantes personagens do romance *Fogo Morto*, escrito por José Lins do Rego, publicado em 1943. Considerado a obra prima do escritor regionalista, a narrativa descreve a decadência dos engenhos de cana-de-açúcar e com eles dos sujeitos que moram ao redor, bem como nas imediações e dependem deles para sobreviver as agruras de um Nordeste tomado pela seca e a posterior fome. Marta, filha do Mestre Zé Amaro, sofre de convulsões nervosas inexplicáveis, além de ser desprezada por seu pai pelo fato de não haver casado com cerca de trinta anos de idade. Sua doença é razão suficiente para que seja espancada por seu pai, preso a ideologia patriarcal, trauma que a faz enlouquecer definitivamente. Nossa pesquisa, numa conexão entre os estudos de gênero e a literatura, pretende investigar, no *corpus* em cena, as manifestações dessa ideologia dominante que vitimiza e oprime a personagem feminina.

Palavras-chave: Feminino, Patriarcado, Marta, Fogo Morto.

Subalternization and Violence: The Female in Scene on Dead Fire by José Lins do Rego

Abstract: In Brazilian literature, strong and determined characters tend to take the lead in stories marked by realism and a dense and engaging narrative. These beings sometimes reverberate discourses that grounded our Western culture, in what is most primitive in man and guiding his way of acting, that is, literary works are capable of reflecting ourselves and the desires we keep in the recesses of our souls. In this sense, when the narrative describes and explores the character's suffering, with which we do not identify, the result is to find a plot capable of sensitizing and involving the reader. This is the case of Marta, one of the suffering and most intriguing characters in the novel *Fogo Morto*, written by José Lins do Rego, published in 1943. Considered the masterpiece of the regionalist writer, the narrative describes the decay of cane mills sugar and with them from the subjects who live around, as well as in the immediate vicinity and depend on them to survive the hardships of a Northeast taken over by drought and subsequent famine. Marta, the daughter of Mestre Zé Amaro, suffers from unexplained nervous seizures, in addition to being despised by her father for not having married around thirty years of age. Her illness is reason enough for her to be beaten by her father, bound by patriarchal ideology, a trauma that makes her go crazy for good. Our research, in a connection between gender studies and literature, intends to investigate, in the corpus on stage, the manifestations of this dominant ideology that victimizes and oppresses the female character.

Keywords: Female, Patriarchy, Marta, Dead Fire.

¹ Doutora em Educação pela Unigrendal Athenas. hosanetep@gmail.com;

² Mestrado em Ciências da Educação pela Athenas College University. romulodavis@yahoo.com.br.

Introdução

Partindo da visão acerca de leitoras e personagens nas obras literárias, abriremos discussões acerca do público feminino na literatura. Segundo Bellin (2011):

Ao discutir as tendências da crítica literária na contemporaneidade, não podemos nos esquecer do feminismo e dos estudos de gênero, que desde a década de 1970 têm abalado o cânone da crítica tradicional ao propor um modelo de análise literária que leva em consideração o gênero de autoria das obras, o gênero do leitor e as questões relativas ao papel da mulher como leitora e como escritora (p.12)

A divisão entre o feminino e o masculino na história, seja da literatura ou em outras linguagens, é tema de diversos estudos, podemos observar tal concepção nos trabalhos de Bourdieu (2012), por exemplo, em *A dominação masculina*, onde ao analisar uma sociedade específica que pode servir como visão para a nossa própria sociedade, compreende a situação das mulheres enquanto dominadas e dos homens enquanto dominantes, ou seja, existe toda uma forma de poder e controle instituído a partir de instrumentos de dominação que as conformam enquanto sujeitos de uma segunda voz, de uma voz mais baixa ou muitas vezes silenciada. O simbolismo pode ser observado inclusive nas significações de um masculino mais forte, viril, sábio e sóbrio, que se coloca como contrário ao mundo feminino, frágil, delicado e sentimental, qualidades que não são valorizadas em nossa sociedade como positivas, mas sim como passíveis de submissão.

Para Bozon (2004), “A maior parte das culturas [...] traduziu a diferença dos sexos em uma linguagem binária e hierarquizada, na qual apenas um dos termos era valorizado” (BOZON, 2004, p.21), sendo assim, interessa neste trabalho compreender de que maneira podemos ver os meios de subversão deste sistema que se coloca como rígido e exclusivamente binário, sem espaços para mudar as estruturas de poder que formam a construção de um feminino idealizado e de um masculino forte e que traduz a hegemonia de um sexo sobre o outro.

Segundo Spivak (2012), esta noção de uma sociedade em que a mulher é colocada enquanto o lado mais frágil da situação faz com que, além de ser o diferente, o outro sexo, ela fique colocada à margem, numa situação em que prevalece o silenciamento, o não dito, o desencorajado a expressar-se: “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito feminino subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2012, p. 28). Para a autora é preciso que este subalterno tenha a possibilidade de falar, de reivindicar suas necessidades, e dentro de um

processo de expressão social, a literatura serve como forma de dar lugar para esta fala. Apenas assim podem ser resolvidos os problemas de representação do feminino, de forma que para este trabalho é importante compreender as formas como essa voz feminina se expressa no texto literário e quem é aquele que há representa.

Trazemos assim a formação da compreensão do feminino na atualidade segundo as construções históricas que terminaram em um formato social que hoje percebemos ser a mulher, mas não aquela construída pela voz do masculino apenas, que constrói a visão idealizada de uma mulher que se transverte de fragilidade, e sim daquela que pavimenta o próprio caminho, que passa por situações sociais e pessoais que podem muito bem ser entendidas para meio literário. Sendo assim, se compartilhamos da visão de Mary Del Priore, em *A história das mulheres no Brasil* (1997), poderemos compreender em suas próprias palavras que

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (p. 7).

Assim, podemos claramente perceber que não basta analisar a mulher pela mulher, é preciso que estejamos atentos para a conjuntura toda conjectura social, política e simbólica que permeia seus atos, suas decisões e esta construção do feminino que pretendemos tratar aqui. Para Del Priore, a organizadora da série de textos sobre as mulheres, torna-se necessário enxergar todos os espaços onde estas variadas expressões do feminino se encontram, da casa à rua, da sexualidade à política, partindo para uma nova visão não desta mulher excluída e muda da sociedade, mas sobre as que formataram “sonhos” em meio ao próprio tempo, em meio as suas sociedades como eram. Se pudermos usar a expressão “homem de seu tempo”, podemos também falar de “mulher de seu tempo”.

O feminino na história: temor e subalternização

Quando falamos de feminino, não podemos desvinculá-lo da história das mulheres uma vez que é interessante observar que, sobre a mulher, recaem as insígnias de um temor, por vezes não verbalizável pelos sujeitos participantes de nossa sociedade, mas que reverberam os medos que tanto tomaram conta do imaginário e da literatura clássica, por exemplo, nas figuras femininas heroicas e deusas da mitologia greco-romana. Neste sentido, citemos Helena de Troia, cujo rapto foi a causa da maior guerra da epopeia de Homero, e as deusas Hera, Atena,

Afrodite, todas dominadoras de habilidades que os seres humanos desejam obter e a elas clamavam: Hera, esposa de Zeus, dominava o Olímpico, conhecida pelo público como o exemplo de mulher ciumenta e vingativa; Atena, nascida da cabeça de Zeus, permaneceu para sempre virgem e sábia em toda a sua glória e magnitude, enquanto Afrodite, nascida das espumas do mar, era a deusa do amor, do sexo e da beleza, sendo uma das mais adoradas e veneradas deusas da Idade Clássica.

Após a queda do Império Romano, sob o domínio do cristianismo, as mulheres tiveram momentos de êxtase, perseguição e austeridade sexual, pois, ao contrário da promiscuidade grega e romana, o Deus cristão não admitia que, fora da instituição do casamento, houvesse qualquer outro tipo de relação da ordem sexual. Na realidade, o que era pregado pelos pais da igreja se referia a uma maneira de viver que consistia em não mais fazer sexo, vencendo, portanto, os desejos carnis:

Santo Agostinho e outros pais da Igreja lutaram por ultrapassar o embate entre as suas crenças na necessidade de transcender os desejos corporais e o facto (sic) de o sexo ser necessário para perpetuar o rebanho cristão. Ao mesmo tempo que apoiavam o casamento, pregavam a castidade como ideal espiritual superior (GARTON, 2009, p.83).

Novamente a mulher é encarada com temor, dessa vez, associada à noção de pecado, visto que, enquanto o homem tentava se purificar dos pecados da carne, ela estava ali para pô-lo à prova e afastá-lo de Deus, nas palavras de Garton, a mulher era vista como uma fonte de poluição.

É interessante considerar que, nesta era em que o cristianismo se consolidava, ele buscou se diferenciar ao máximo das práticas pagãs e, como já havia assimilado grande parte das concepções filosóficas do mundo, cristianizando os pensamentos dos grandes filósofos gregos, restava-lhes, então, rejeitar o politeísmo e, como exposto, o sexo.

O preceito de castidade da jovem igreja cristã constitui um apêlo (sic), um lema de combate, nascido do reconhecimento rigorosamente certo de que nesse terreno poderiam acender-se as mais acirradas controvérsias, bem como traçar-se fronteiras mais definidas (BASSERMANN, 1968, p.97).

As mulheres, mesmo as casadas com os bispos das igrejas, eram um empecilho que impossibilitava que tal preceito fosse praticado a risca de modo que, não demorou muito para que fosse homologada a lei de que os homens, chamados de Deus, não deviam e nem mais podiam se embarçar com as obrigações mundanas, se fazendo necessário que abdicassem de seus casamentos. O exegeta Orígenes conseguiu, com o seu discurso militarista, convencer a

parte mais importante da Igreja a assim proceder: “Das exigências de Orígenes, cognominado, o “Duro Como Aço, saiu, no entanto, o impulso decisivo para a abstenção do casamento por parte dos dignitários cristãos de categoria mais elevada” (BASSERMAN, 1968, p.98)”. Mas, há que se destacar a hipocrisia desses homens, que a si mesmos se privavam de ter relações sexuais:

Em relação à Igreja, sua hipocrisia e corrupção não conheciam limites. Durante todo o período, os homens de Deus, mesmo que distribuíssem um fluxo sem fim de propaganda contra o prazer, eram incapazes de controlar seus próprios hábitos sexuais, quanto mais do povo. Observadores moralistas da Idade Média constantemente deploram o comportamento (ROBERTS, 1998, p.109).

Neste sentido, o casamento era desprezado pela elite da Igreja, mas visto como imprescindível para a parte leiga, no caso, a maioria que não possuía um chamado de Deus para o celibato. Na iminência de garantir uma vida pura aos homens, a Igreja tentou erradicar a prostituição, sem sucesso, porque, como forma de sobreviver à fome que assolava a Europa antiga, muitas delas ofereciam seu corpo nas estradas, algumas se tornavam amantes dos párocos, sendo por eles sustentadas, enquanto davam, em troca, seus favores sexuais. O mundo medieval, apesar disso, era dividido em opostos maniqueístas, estando, “[...] com as mulheres, a carne e os sentidos identificados como o mal, e os homens, com sua desincorporada ‘espiritualidade’ identificados como divinos [...]” (ROBERTS, 1998, p.81).

Quanto mais a Igreja dominava a vida das pessoas ao seu redor, mais austeridade sexual, e pecados, eram atribuídos às mulheres. Não era à toa que as santas católicas tinham maiores experiências sobrenaturais com o divino, pois, quanto maior o pecado, tanto maior seria a santificação que, buscavam sentir no próprio corpo, as dores sofridas por Cristo, em seu tormento. Neste aspecto, de acordo com Garton (2009), o corpo era a forma de a mulher provar e mostrar a sua ligação com Deus.

Novamente a mulher está submetida a um pai que a impossibilita de ter qualquer vontade de querer e efetuar, o que conta é, tal qual a Idade Clássica, o acúmulo de riquezas bem como a herança para o filho homem que procedesse da união. Conforme pudemos verificar, se por um lado havia austeridade sexual, neste modelo patriarcal, o homem não era privado da prática de gozar de sua liberdade libidinal, porque, sua infidelidade às leis do casamento não implicava a destruição da linha hereditária de herdeiros,

Em contrapartida, a infidelidade da mulher é literalmente impensável, uma vez que atingiria o próprio princípio da filiação pela introdução secreta, na descendência dos

esposos, de um sêmen estranho ao seu — e, portanto, ao sangue da família (ROUDINESCO, 2003, p.14).

A responsabilidade de dar continuidade ao sangue da família, recaía sobre a mulher, vigiada, reclusa e sem nenhum direito em uma sociedade regida pelos protocolos judaicos cristãos. Nota-se que, independente da ideologia ser cristã, monoteísta, os medievais ainda reproduziam os antigos medos relacionados à mulher, separando-a entre a virgem e a prostituta, tão perigosa quanto havia sido outrora.

Com o desejo do homem de retornar as suas origens, não é de se surpreender que se voltasse para as origens de sua cultura, ou, melhor dizendo, ignorando o mundo teocrático e as concepções inerentes do regime em que a Igreja dominava a esfera intelectual, o homem começou a refletir sobre o antigo saber grego e romano. Esse tipo de investigação deu origem à Renascença, de sorte que sobraram as mulheres, mais uma vez, a reclusão do lar, tal qual as gregas, porque, “Segundo o ideal renascentista, as mulheres casadas tinham de ser obscuras e obedientes, confinadas aos espaços sombrios das vidas de seus homens” (ROBERTS, 1998, p.129). Bem diferente da Idade Média em que, de certa maneira, elas ainda tinham uma pequena liberdade para exercerem um pequeno trabalho, como, por exemplo, as de classe social pobre, eram lavadeiras.

Em contrapartida, essa reclusão das mulheres, possibilitou o surgimento de um outro tipo de prostituta, de semelhante modo ao da Idade Clássica em que havia as hetairas, versadas no intelecto e riqueza, na Renascença, surgiram as cortesãs, uma espécie de replica das antigas gregas, estas, em tudo buscavam reproduzir os comportamentos das antecessoras, chegando a serem as mulheres mais instruídas desse período.

Assim como as hetairas gregas, as cortesãs se tornaram verdadeiras emancipadas: sabiam ler e escrever, faziam poesia e cantavam, enredavam banqueiros, príncipes e cardeais, aparecendo nas mais famosas pinturas. Até o belo mancebo de Urbino, o tímido pintor Rafael, eternizaria, e por duas vezes (sic), a cintilante lascívia de Impéria: no mais importante quadro de toda (sic) a sua obra, Disputa do Parnaso e na obra igualmente pintada no Vaticano, A Transfiguração [...] (BASSERMANN, 1968, p.150).

Percebemos, portanto, o poder que as cortesãs tinham sobre o universo masculino, poder que lhe era outorgado mediante a instrução que conseguiram angariar. A necessidade de retornar às raízes antigas permitiu que, mais uma vez, as mulheres consideradas não respeitáveis pudessem mostrar a sua capacidade de conseguir enredar qualquer homem, independente de seu status.

Não à toa eram ricas, já que seduziam os nobres do império, aliás, ninguém que não tivesse condições financeiras poderia desfrutar da companhia e dos serviços destas que eram tidas por muitos como as rainhas da Renascença.

Mas uma significativa turbulência atingiu tanto a Igreja, quanto suas práticas de cumplicidade em relação ao comércio sexual, pois, no séc. XVI, sob os ideais de Martinho Lutero, a Reforma Protestante foi instaurada, os reformadores, diferente dos católicos, queriam efeitos e medidas pragmáticas com relação ao discurso de pureza sexual pregado pela elite romana uma vez que tinham ciência da imoralidade cometida pelos padres e párocos hipócritas.

Ao contrário da posição da Igreja, os protestantes valorizavam a instituição do casamento e da posterior família que iria advir da união, em sua concepção, Deus havia outorgado o casamento para garantir que novos cristãos nascessem das uniões e pudessem da continuidade ao ciclo econômico de trabalho. Começa-se a colocar os fundamentos que irão consolidar a ideologia da família como célula da sociedade, através da nova classe em ascensão, a burguesia, comerciantes que, cansados das condenações da Igreja Católica acerca de sua prática de cobrar, pelos empréstimos, juros abusivos, aderiram ao protestantismo que bem combinava com os seus ideais de lucros e comerciários.

A explosão do protestantismo no século XVI, um processo conhecido pela História como a Reforma, rompeu o monopólio religioso da Igreja Católica e remodelou completamente a ordem moral da Europa Ocidental, em uma época em que a sociedade e a economia estavam se descolando decididamente rumo a uma forma mais moderna (ROBERTS, 1998, p.139).

De fato, a Era Moderna desabrochava em conjunto as mudanças que, com o Renascimento, surgia, a Reforma tornou-se, portanto, um de seus maiores expoentes. Endossando o discurso da falta de moral do clero, os protestantes reivindicaram para si o direito de *moralizar* as pessoas sob uma nova ordem, ou seja, valendo-se dos ensinamentos que se encontravam na Bíblia, mais especificamente, no Novo Testamento, defenderam uma noção de moral e condutas sinceras, e, de certa maneira, bem mais realistas do que as do clero católico.

O manifesto de Lutero iria assinalar o rompimento definitivo com a Igreja Católica. Líderes protestantes emergiram: homens que viam não somente o clero, mas toda a sociedade carente de urgente reforma moral. Na verdade, suas propostas destinavam-se principalmente a proporcionar a eles próprio e a seu novo credo protestante a autoridade moral para recompor o mundo social: o que tinham em mente era a construção de uma sociedade “purificada”, obediente, temente a Deus e orientada para o trabalho (ROBERTS, 1998, p.140).

Não é de se estranhar que, nesta concepção, o sexo, dentro do casamento, tornou-se o elemento fundamental da benção divina, afinal, acreditavam que foi para isso que Deus fizera

o homem, mas, havia ressalva quanto a isso, pois, o sexo que poderia e deveria ser feito era, tão somente, o vaginal, sem qualquer outro tipo de prática sexual.

Os protestantes estavam decididos a modificar o modo de vida da antiga tradição católica e proclamar o sexo como algo divino, desde que estivesse dentro do sacro casamento. Era um empreendimento desejado por aqueles que, embora hipocritamente, condenavam que os homens da Igreja tivessem suas concubinas, ainda que às escondidas. E assim tal empreendimento encontrou apoiadores rapidamente, certamente de pessoas com graves crises de consciência moral. É certo afirmamos que, para além das razões da ordem econômica, havia um grande inconformismo diante de tanta corrupção moral por parte dos dirigentes do povo, homens, em tese, chamados para cumprir a missão de serem celibatários e, exclusivamente, dedicarem-se ao ofício eclesiástico:

Os protestantes atacaram o voto celibatário e proclamaram o sexo no seio do casamento como o elemento essencial do afecto (sic) e da harmonia doméstica. O desejo sexual era natural e parte do plano de Deus. Para Lutero “a recusa de ter relações sexuais dentro do casamento era motivo para divórcio” (GARTON, 2009, p.130).

Somente o casamento era assim visto, mas qualquer outro tipo de sexualidade, como a sodomia era perseguida e punida severamente. Os protestantes almejavam, sobretudo, controlar a sexualidade, tornando-a passível de ser moralmente aceita, daí não reconhecerem outro tipo de sexualidade, que não a heteronormativa. Aliás, vale mencionar, criavam-se, já nesse período, os subsídios necessários uma nova forma de conceber tanto o corpo masculino quanto o feminino, que teria sua confirmação somente no século XVIII.

As mulheres, por sua vez, foram as que sofreram e continuaram sofrendo as amargas dores de um regime patriarcal, porque, “Da mesma maneira que a Renascença, antes dela, a Reforma foi um movimento dominado pelos homens e, como tal, continuou a definir qualquer sexualidade feminina independente como ameaçadora-e-por-isso-nociva(sic) (Roberts, 1998, p.141). Lugar onde, necessariamente, estavam as prostitutas, pois sua vida independente, como era o caso das cortesãs, era tido como um insulto à ordem natural das coisas que Deus havia criado, haja vista que sua independência vinha da prática da prostituição, razão pela qual, na Alemanha, os bordéis frequentados pelo público foram fechados, por orientações do próprio Lutero. Calvino, por sua vez, foi implacável: na febre de purificação, bania, prendia, esmagava, qualquer “libertinagem” detestada por Deus, até mesmo ele foi capaz de exigir a morte para a prática do adultério.

Garton afirma, no entanto, que apesar destes efeitos devastadores sobre a sexualidade feminina, elas tinham formas de protestarem contra o regime que se lhes apresentava:

Apesar das restrições impostas às mulheres pela Igreja e pela sociedade, muitas delas resistiam à exigência de serem obedientes e de se remeterem ao silêncio. Viravam-se para a poesia e para a prosa a fim de darem voz às suas preocupações, enquanto outras recorriam à lei para perseguirem violadores, exigirem propriedades e procurarem a anulação de uniões insatisfatórias (GARTON, 2009, p.119).

Feminino: loucura e desprezo na obra de José Lins do Rego

A obra *Fogo Morto* é dividida em três partes que se interligam e se cruzam mediante o desenrolar e desenvolvimento da história. Na primeira, é apresentado o Mestre José Amaro, que vive nas proximidades do engenho Santa Fé. Artesão hábil, o pobre homem é arrogante e presunçoso, preso aos velhos costumes patriarcais que constituíram a sociedade. Somente por meio de seu ponto de vista, nos deparamos com a sua filha, Marta, a quem despreza e maltrata constantemente:

[...] O mestre José Amaro viu-a no passo lerdo, no andar de pernas abertas e quis falar-lhe também, dizer qualquer coisa que lhe doesse. Martelou mais forte ainda a sola e sentiu que a perna lhe doeu. Com mais força, com mais ódio, sacudiu o martelo. Era a sua família. Uma filha solteira, sem casamento em vista, sem noivo, sem vida de gente. [...] E o mestre Amaro, sem saber por que, pensou na sua filha, naquela sua Marta, toda esquisita, com trinta anos, como se fosse uma menina. Era a sua vida que se ligava à vida do povo da casa-grande. Tinha uma filha que se parecia com aquele povo. O carro do coronel ficaria um brinco com o trabalho que estava fazendo. Daria uma mão de tinta nubian nas rodas, poria tudo da melhor forma (REGO, 2016, p.48, 53).

O fato de Marta ainda ser solteira, e ainda não ter casado, é razão suficiente para que as preocupações do mestre Zé Amaro ser cada vez mais prementes: a jovem tem pouco mais de trinta anos e não se comporta de acordo com o que ele consideraria normal. Na verdade, mestre Zé não permite que nem mesmo a esposa diga-lhe qualquer coisa, já que, em sua concepção, dar voz às mulheres é inconcebível. Neste sentido, o fato da filha ser tomada de convulsões, aumenta a sanha do mestre que não entende e nem quer entender quais são as razões para tal. Zé Amaro não suporta ter uma filha que não segue, independentemente dos motivos, as regras que ele considera própria para as mulheres, de forma que, a mais uma crise, o impaciente pai, espanca sua filha violentamente:

E o mestre José Amaro, com um pedaço de sola na mão, chegou para perto da filha e começou a sová-la sem piedade.
Gritava a velha Sinhá:
—Para, homem de Deus, para pelas Chagas de Nosso Senhor. E

ele forte, com os olhos esbugalhados:
—Deixe, mulher, que eu mato esta ira.
Marta, no chão, chorava como uma menina. O mestre Amaro caíra para um canto, ofegante (Ibid, p.109).

A crueza da cena bem demonstra a incapacidade do pai de lidar, de outra maneira com a doença da filha, somada a sua própria visão do feminino. Marta era uma espécie de bicho que ele devia bater para que se fizesse obedecer. E, necessariamente, a garota vivia para trabalhar e obedecer, sem nunca ter conhecido outro lugar que não fosse as imediações da casa onde morava.

O desprezo do mestre Zé Amaro era o sentimento que reverberou em toda a Idade Média, Renascimento, Idade Clássica, e só concentrou sua maldade na figura do personagem da obra de José Lins, cuja filha enlouquece definitivamente após este espancamento a que foi submetida por um pai severo e presa às antigas formas de agir e pensar.

Referências

- BASSERMANN, Lujo. **História da prostituição**: uma interpretação cultural. Tradução: Rubens Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- BELLIN, G. P. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. In: **Revista Fronteira Z**. São Paulo, n. 7, dez. 2011, p. 111.
- BOZON, Michel. **Sociologia da Sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- GARTON, Stephen. **História da sexualidade**: da Antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Editora Estampa, 2009.
- REGO, José Lins. **Fogo morto**. 79ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Tradução: Magda Lopes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

ANJOS, Hosanete Farias Porto dos; SILVA, Rômulo Davi da. Subalternização e Violência: O Feminino em Cena em Fogo Morto, de José Lins do Rego. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Fevereiro/2021, vol.15, n.54, p. 593-602. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 18/02/2021; Aceito: 25/02/2021.